

Diário

de uma sem-espelho

Passar uma semana fugindo do próprio reflexo. A repórter Lina de Albuquerque conta como enfrentou o desafio proposto pela CRIATIVA sem sofrer arranhões muito significativos na imagem

FOTOS: SHUTTERSTOCK

o dia

Quem quebra um espelho, diz a antiga maldição, acumula sete anos de azar. Eu não me lembro de ter quebrado nenhum. Em compensação, talvez para azar da leitora mais imediatista, quebrei a promessa que fiz de não olhar meu reflexo por uma semana para escrever esta reportagem. Não foi intencional. O primeiro deslize aconteceu logo de cara, no elevador. Diante do painel de vidro, automaticamente quis domar com os dedos os fios de cabelo que escaparam do adestramento do pente matinal. Um amigo que estava comigo e sabia do propósito da matéria serviu de censor: “Mal começou a experiência e já está se olhando”. Esclareço que tinha ido a Salvador para finalizar as entrevistas de um livro de depoimentos e aproveitei para esticar a viagem com esse amigo, o Alexandre, até o período do Carnaval. Achei que seria uma boa aproveitar a ressaca momesca para escrever o diário de uma sem-espelho proposto pela revista. Não sou exatamente vaidosa, mas não gosto de me sentir desleixada ou, pior ainda, feia. E era assim que eu estava, gripada e acabada depois da folia, provavelmente com uma virose batizada de “Dalila” por causa do hit de Carlinhos Brown mais tocado no Carnaval baiano e incorporado por Ivete Sangalo. Quando me vi, mais uma vez sem querer, refletida na tela do computador, dei de cara com um monstrinho de olheiras profundas. Desviei rapidamente para não estragar o trabalho. Deu certo alívio, confesso, imaginar que seria poupada do contato com a minha realidade visual nos próximos dias.

o dia

O alívio durou bem pouco. Fiquei apreensiva ao ser convidada para uma festa, depois de ter passado o dia conseguindo escapar do espelho do elevador e do retrovisor do carro e usado batom sem me olhar – nenhum mérito aqui, pois há anos venho aprimorando essa esquisita especialidade, por

pressa ou conveniência. Mas como eu faria para me maquiar para a festa? À noite passei definitivamente no teste do não espelho: abri o meu estojo de maquiagem e salpiquei uma camada superficial de base, outra de pó e um nadinha de sombra, diante da indiferença de uma amiga e da perplexidade de outra. “Eu é que não me prestaria a isso”, disse a segunda, Branca, uma advogada filha de Oxum, o orixá da beleza, e que deve ter surrupiado o seu primeiro espelho logo na saída da maternidade. Já a outra, Vânia, uma médica zen, falou que eu estava “okay”. O que não me pareceu muito tranquilizador. Mas a festa foi ótima. Ninguém me olhou mais nem menos por eu ter dispensado o espelho. E eu fui dormir achando que um pedaço de vidro não faz muita diferença na vida de uma mulher normal.

o dia

Estou realmente achando que um espelho faz menos falta do que imaginava. Talvez este diário ficasse mais engraçado se fosse escrito por uma perua. Aí, sim, a provocação do meu amigo Alexandre poderia fazer mais sentido. “Parabéns, você ganhou um trabalho (*escrever este diário*)”, ele falou, em tom de cumprimento. Para depois ironizar: “Mas vai perder muitos outros”. Hum. Será mesmo que alguém deixaria de contratar uma profissional com um ou dois fios de sobancelha arrepiados? Perguntada sobre o acessório mais indispensável no guarda-roupa de uma mulher, a estilista venezuelana Carolina Herrera respondeu que era um espelho de corpo inteiro. No meu caso, hoje me bastou abaixar a cabeça para ver se a roupa caía bem. Como na mala eu só tinha combinações conhecidas, tirei essa parte de letra. Pior foi na hora do banho, quando, na impossibilidade de ver o meu rosto, meus olhos se fixaram um pouco mais no acréscimo que o abuso de acarajé causara na circunferência da barriga. Deveras um estrago. Então, além de não me ver, será que eu agora também tinha deixado de me enxergar? Nada disso. Tanto que amanhã quero começar uma dieta. Tenho a impressão de que a falta de espelho está intensificando o meu espírito crítico. >>

o 4 dia

Comecei a sentir saudade de olhar para o meu rosto, não sei se por estar sem me ver há algum tempo, se pela privação do pão no café da manhã ou pela manifestação de uma vaidadezinha esquecida. Não a ponto de desistir da pauta, claro, mas realmente não contava com isso. Para piorar, ao beijar um ex-namorado também de passagem por Salvador, raspei contra o seu rosto uns pelinhos que tinham aparecido debaixo do queixo e naturalmente não passaram pelo controle da pinça. Imagine se isso acontecesse com um futuro affair? Talvez ele achasse que eu estava levando a sério demais a fantasia de Frida Kahlo usada dias atrás no bloco dos Mascarados – depois de se fantasiar de drácula, meu amigo Alexandre pintou no meu rosto o característico bigodinho que aparecia num dos conhecidos autorretratos da pintora mexicana. Mas quer saber? Acho que os meus pelos nem chegaram a ser notados (trata-se de uma indesejável tendência genética que a minha avó chamava de “mocinhos” e que no linguajar científico leva o nome de hirsutismo). O que veio a comprovar uma tese que já começava a se formar na minha cabeça: a de que o espelho interno talvez seja mais implacável que o exterior.

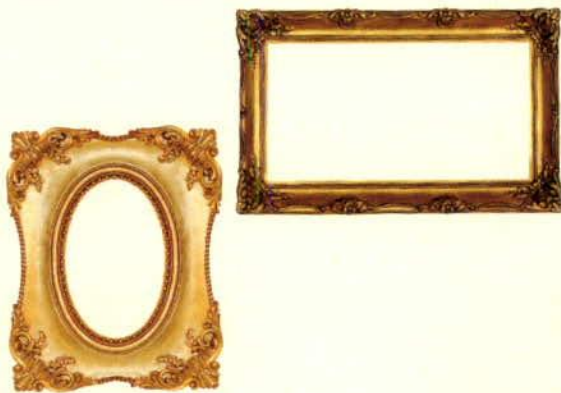
num tradicional barzinho de caranguejos. Ao chegar à mesa, duas pessoas que eu ainda não conhecia, Tatiane e Iyeda, amigas das minhas amigas, me olharam com espanto. “Você está queimada?”, perguntou uma delas, enquanto as outras tinham percebido que eu estava borrada de batom e disfarçavam o constrangimento dando risinhos. E eu, que no início deste diário me gabei da habilidade de passar batom sem me olhar, agora ostentava um borrão amarronzado entre o nariz e o queixo. O que aconteceu foi que, ao descer do carro, tirei da bolsa um batom escuro achando que era um bastão de gloss. Na pressa, passei de qualquer jeito, uma vez que o gloss é transparente e o risco de borrar, desprezível. Claro que depois precisei explicar a pauta para não me acharem maluca. Se bem que, para aceitar este trabalho, um pouco pelo menos eu devo ser.



O efeito da ansiedade equivale ao daqueles espelhos mágicos que achatam ou esticam o reflexo

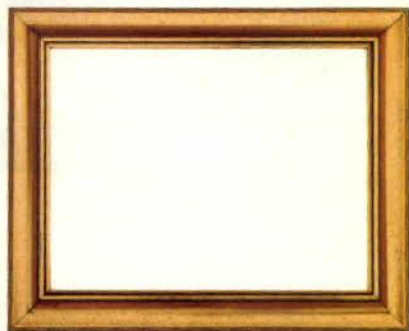
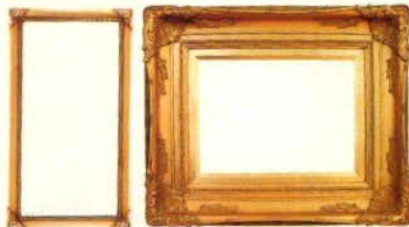
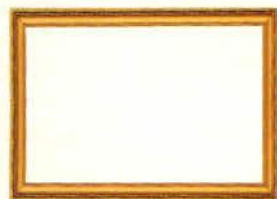
o 2 dia

Quando já estava me acostumando com a tese da desimportância do espelho, eis que passo o vexame mais significativo da temporada. Nada como um dia após o outro para desmoronar uma teoria pouco sólida... Na minha despedida soteropolitana, fui ao encontro das amigas baianas Rita e Samya



o dia

A caminho do aeroporto, me dou conta de que esqueci de tonalizar o cabelo. Um mês e meio longe do tonalizante é suficiente para realçar os brancos da raiz. Em Salvador, a vida de uma sem-espelho até que não foi de todo estranha. Eu me diverti com a experiência. Mas como amanhã terei uma reunião de trabalho importante em São Paulo, fico mais uma vez tentada a interromper a pauta. Mas sou caxias e não levo a ideia adiante. Lembro que o meu impedimento temporário é o espelho, não o cabeleireiro. E é justamente para lá que sigo depois de aterrissar em Sampa. Passo tonalizante, faço pés, mãos, tiro sobrancelhas. No salão, algo sono e fecho os olhos para evitar confronto com o espelho. Uma missão que não imaginava possível. Devo ter sido a primeira mulher que conseguiu sair do cabeleireiro sem avaliar o upgrade ou o estrago no visual. Não consigo imaginar nenhum exercício de confiança melhor que esse. Também não penso em nada tão irritante.



o dia

A ansiedade deve ser uma terrível deformadora da autoimagem. O seu efeito parece equivalente ao daqueles espelhos mágicos circences que produzem achatamento ou alongamento do reflexo. Não fosse por ela, a ansiedade, acho que teria sido capaz de terminar este trabalho com louvor. Eu quase consegui. Mas ontem, numa loja do aeroporto, não resisti à compra de um objeto que em outras circunstâncias não me despertaria nenhum interesse: um frágil espelhinho de bolsa com luzinha interna, desses que aumentam a imagem em até cinco vezes. Hoje de manhã, antes de ir ao encontro do editor do livro que finalizei na Bahia, cometi a besteira de querer abrir o estojo do espelho para colocar as pilhas que me ajudariam a me ver melhor à noite. Mexi e remexi e o mecanismo não acendeu. Mas, se eu quisesse, dava para dar uma olhadinha assim

mesmo. Então, antes de estar liberada, grudei os olhos no espelhinho. Tinha me esquecido completamente das marcas de expressão que vi. Desembestei em direção ao espelho de corpo inteiro do armário. O meu cabelo estava sem corte e eu me achei meio balofa, mesmo sem a balança acusar nenhum aumento de peso significativo. Troquei de roupa e repeti o mesmo ritual umas três vezes, sempre me medindo de cima a baixo. A privação do espelho deve ter acentuado um possível narcisismo que eu desconhecía, mas também revelou um lado crítico meio chato. Não me lembro de ter passado tanto tempo me olhando. Mesmo não me achando feia, percebi que a minha imagem andava um pouco descuidada. Não sei exatamente o que fazer para melhorá-la. Tudo o que sei é que pretendo me olhar mais daqui em diante. Pelo menos até passar o impacto dessa experiência. ☉